



**THOMAS
SOWELL**
ESSENCIAL

Leis, Raça e Etnia, Educação

THOMAS SOWELL ESSENCIAL

Leis, Raça e Etnia, Educação

TRADUÇÃO
CARLOS SZLAK



COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2025

COPYRIGHT © 2011 BY THOMAS SOWELL

Todos os direitos reservados.

Avis Rara é um selo da Faro Editorial.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Coordenação editorial **RENATA ALVES**

Assistente editorial **LETÍCIA CANEVER**

Tradução **CARLOS SZLAK**

Preparação **TUCA FARIA**

Revisão **BARBARA PARENTE**

Imagem de capa **FARO EDITORIAL**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Jéssica de Oliveira Molinari CRB-8/9852

Sowell, Thomas

Thomas Sowell essencial : leis, raça e etnia, educação / Thomas Sowell; tradução de Carlos Szlak. — São Paulo : Faro Editorial, 2025. 320 p.

ISBN 978-65-5957-719-4

Título original: The Thomas Sowell Reader

1. Estados Unidos – Condições econômicas – 2009 2. Estados Unidos – Condições sociais – 1980-2020 3. Estados Unidos – Política e governo – 2009-2017 I. Szlak, Carlos

24-5241

CDD 973.92

Índice para catálogo sistemático:

1. Estados Unidos – Condições econômicas – 2009



1ª edição brasileira: 2025

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil, adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 — Sala 310

Alphaville — Barueri — SP — Brasil

CEP: 06473-000

www.faroeditorial.com.br

SUMÁRIO

<i>Prefácio à edição brasileira</i>	11
<i>Prefácio</i>	15
<i>Nota da edição</i>	17

QUESTÕES LEGAIS

O econômico em relação ao crime	21
Justiça para o pequeno Ângelo	24
Adoro esses assassinos!	27
A lei em julgamento	30
Conhecimento abortado	33
Mitos sobre o controle de armas	36
Mitos sobre o controle de armas — Parte II	39
Poder para os parasitas	42
Processos judiciais na área médica	45
Passando em revista	48
Os policiais são racistas?	52
O significado da lei	55
Liberdade versus democracia	59
Ativismo judicial e contenção judicial	62

RAÇA E ETNIA

Uma Budweiser mais antiga	83
"Diversidade" na Índia	86
O argumento da escravidão	89
"Minorias".....	92
Raça, romance e realidade	96
Política de desmancha-prazeres.....	99
"Amigos" dos negros	102
Dando um trato nos negócios.....	105
Estereótipos <i>versus</i> o mercado	109
Racismo "reciclado"	112
Geografia <i>versus</i> igualdade	115
Pressupostos por trás da ação afirmativa.....	118
O culto do multiculturalismo.....	122
A vida é culturalmente tendenciosa.....	125
Booker T. Washington depois de cem anos	129
Ação afirmativa ao redor do mundo.....	142
A influência da geografia.....	166

QUESTÕES EDUCACIONAIS

"Educadores" tragicômicos.....	205
Cientistas não são bem-vindos	209
Ensino superior e humor inferior	212
Sucesso em ocultar fracassos	216
"Serviço público" ou desserviço?	219

"Forçado a se voluntariar"	223
Adeus a Sara e Benjamin?	226
Escolhendo uma faculdade.....	229
A idiotice da "relevância"	232
Julian Stanley e as crianças brilhantes.....	235
"Antielitismo" na educação.....	238
O velho bairro	237
Mentes desperdiçadas	244
Os fatos importam?	247
Problema sério causado por pessoas superficiais	250
"Bons" professores	253
Por trás do "publicar ou perecer".....	256
Vislumbres do mundo acadêmico.....	259

ESBOÇOS BIOGRÁFICOS

<i>Carolina in the morning</i>	261
Memórias.....	280

PENSAMENTOS ALEATÓRIOS

<i>Fontes</i>	305
<i>Notas</i>	307

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

*Por Roberto Motta**

Aborde um desconhecido na rua — adulto ou criança — e pergunte: *quais são as grandes questões do nosso tempo?* Minha aposta é que você ouvirá sempre as mesmas respostas: aquecimento global (ou *mudanças climáticas*), fome, “desigualdade” e, provavelmente, o iminente retorno do fascismo, do conservadorismo, do racismo ou de algum outro “ismo” diabólico.

De onde vêm essas preocupações e ideias? Quem decidiu que o combate à desigualdade é prioridade mundial? Aliás: o que é “desigualdade”? Como é possível que existam, simultaneamente, campanhas contra a fome e dados amplamente disponíveis que mostram que um dos maiores problemas dos países ocidentais é o sobrepeso — ou seja, *excesso de comida?*

Quem escolheu esses temas para serem as “grandes questões do nosso tempo” em vez de outros como, por exemplo, o narcotráfico internacional, a possibilidade de uma guerra nuclear (que foi durante décadas considerada a principal ameaça à civilização) ou a degradação da cultura ocidental?

Para essa pergunta há duas respostas: uma curta e uma longa. A resposta curta é que essa escolha foi feita pelos *ungidos*. É assim que Thomas Sowell chama as pessoas em posições de comando em organizações internacionais, ONGs, grandes corporações e no Estado, que controlam ou exercem grande influência na mídia, no sistema de ensino e em instituições estatais como o Judiciário e o Ministério Público. Os *ungidos* são movidos por uma série de fatores, mas seu arcabouço moral e intelectual está baseado em alguma versão da falha histórica do pensamento ocidental conhecida como marxismo. Os *ungidos* querem que você ignore as circunstâncias particulares e locais de sua vida e dedique sua energia, seu dinheiro e suas emoções para lidar com *as grandes questões do nosso tempo* escolhidas por eles. A imposição de uma única *agenda global* – um conjunto de dogmas sagrados – para guiar todo o planeta traz para os *ungidos* vantagens óbvias de controle, poder e riqueza. Como sobreviveríamos sem esses iluminados recomendando que não comamos mais carne, determinando nossos hábitos mais íntimos, nos informando que nossas tradições e costumes não passam de artefatos culturais ossificados e inadequados, geradores de preconceito, fome e desigualdade?

A resposta longa para a pergunta sobre *as grandes questões do nosso tempo* são os livros de Thomas Sowell. Eles são uma resposta deliciosa, um exercício elegante de observação e análise que combina raciocínio aguçado, escrita cristalina e um poder de síntese sem igual. Alguns textos curtos de Thomas Sowell valem por um mestrado. A maioria de seus livros vale por uma biblioteca.

O livro que você tem nas mãos é a chave de um conhecimento que liberta.

Libertai-vos, então.

Boa leitura.

ROBERTO MOTTA é Engenheiro Civil pela PUC-RJ e Mestre em Gestão pela FGV-RJ. Roberto tem mais de 35 anos de experiência como executivo, incluindo 5 anos como consultor do Banco Mundial nos EUA.

Há mais de 10 anos Roberto estuda segurança pública, com centenas de palestras e seminários realizados em todo o país e milhares de textos, artigos e vídeos publicados. Em 2018 Roberto participou da transição do governo do estado do Rio de Janeiro, coordenando a transferência da segurança estadual do Gabinete de Intervenção Federal para as Secretarias de Polícia Civil e Militar e exercendo por um curto período o cargo de Secretário Executivo do Conselho de Segurança (antigo cargo de Secretário de Segurança). Roberto também foi suplente de deputado federal e de vereador e publicou quatro livros: *Ou Ficar A Pátria Livre, Jogando Para Ganhar: Teoria e Prática da Guerra Política*, *Os Inocentes do Leblon* e *A Construção da Maldade*, sobre a crise de segurança pública do Brasil.

Roberto também participou como consultor do documentário *Entre Lobos*, da *Brasil Paralelo*, e é colunista do Instituto Millenium, do Instituto Liberal, da *Revista Oeste*, da *Gazeta do Povo* e comentarista da *Rede Jovem Pan*.

Roberto é um dos criadores do Partido Novo, do qual se desligou em 2016.

PREFÁCIO

Resumir o trabalho de uma vida é um desafio, mesmo para alguém como eu, que se concentrou em uma especialidade. Achei ainda mais desafiador por causa de minha vida assaz longa e dos diversos campos que tenho abordado ao longo dos anos, que vão desde textos sobre economia em publicações acadêmicas até colunas de jornal, tanto humorísticas quanto sérias, a respeito de tudo, incluindo beisebol, política, guerra e crianças que começam a falar tarde — sem mencionar alguns livros sobre história, habitação, autobiografia, intelectuais e raça.

Sinceramente, nunca teria me ocorrido tentar reunir todas essas coisas muito diferentes nas páginas de um único livro se a ideia não tivesse sido sugerida por John Sherer, editor da Basic Books. No entanto, alegro-me que ele tenha feito isso. Uma amostragem de todos esses itens pode ter mais coisas para interessar ao leitor comum do que um livro dedicado a um único tema, dirigido para um único público.

Em cada uma das várias seções do livro — seja sobre cultura, economia, política, direito, educação ou raça —, eu comecei com as colunas de jornal e, em seguida, avancei para textos mais longos que permitem análises mais aprofundadas. Cada leitor pode escolher entre uma ampla gama de assuntos a explorar e decidir quais examinar mais superficialmente e quais investigar mais a fundo. Algumas de minhas colunas de jornal mais conhecidas receberam o título de “Random

Thoughts” [Pensamentos aleatórios]. Na seção “Pensamentos aleatórios” deste livro, foram reunidos diversos comentários não relacionados de algumas dessas colunas acerca de acontecimentos do momento.

Minha expectativa é que esta ampla seleção de meus escritos reduza a probabilidade de os leitores interpretarem mal o que eu disse sobre muitos assuntos controversos ao longo dos anos. Se o leitor concordará com todas as minhas conclusões é uma questão à parte. Porém, discordâncias podem ser produtivas, ao passo que mal-entendidos raramente são.

Uma razão para alguns mal-entendidos é que minha abordagem e meus objetivos foram simples e diretos para aquelas pessoas em busca de agendas secretas ou outras motivações complexas. Desde muito jovem, tive a preocupação de procurar entender os problemas sociais que sobejam em qualquer sociedade. Antes de tudo, isso foi uma tentativa de buscar alguma explicação para as coisas intrigantes e perturbadoras que aconteciam a meu redor. Tudo isso foi para meu próprio esclarecimento pessoal, já que eu não tinha ambições políticas nem os talentos políticos necessários para ocupar cargos eletivos ou nomeados. Mas, depois de ter alcançado certa compreensão de questões específicas — um processo que não raro levou anos —, meu desejo era compartilhar essa compreensão com outras pessoas. Essa é a razão do material que foi publicado neste livro.

THOMAS SOWELL
Hoover Institution
Universidade de Stanford

NOTA DA EDIÇÃO

Identificar os livros dos quais o material publicado aqui foi extraído será feito na seção “Fontes” no final do livro, em benefício daqueles leitores que talvez queiram ler os textos completos no original. No entanto, nenhuma razão semelhante se aplica à reprodução de minhas inúmeras colunas publicadas em jornais e revistas ao longo dos anos; então, essas fontes não são mencionadas.

Gostaria de agradecer à Yale University Press por conceder a permissão para reproduzir minha crítica sobre *On Liberty*, de John Stuart Mill, publicada em *On Classical Economics*, e o primeiro capítulo de *Affirmative Action Around the World*. O material autobiográfico foi reimpresso com a gentil permissão de The Free Press para incluir excertos do primeiro e último capítulos de *A Personal Odyssey*. Outros materiais publicados aqui de *Basic Economics*, *Intellectuals and Society*, *Migrations and Cultures*, *The Vision of the Anointed*, *Applied Economics* e *Conquests and Cultures* são todos de livros que já são propriedade da Basic Books. O capítulo intitulado “Marx, o homem” é de *Marxism: Philosophy and Economics*, que está esgotado e cujo direito autoral é de minha propriedade.

Também devo agradecimentos a minhas dedicadas e diligentes assistentes de pesquisa, Na Liu e Elizabeth Costa, que contribuíram muito para os textos originais dos quais estes excertos foram extraídos, assim como para a produção deste livro. Agradeço igualmente à Hoover Institution, que tornou todo o nosso trabalho possível.

QUESTÕES LEGAIS

O ECONÔMICO EM RELAÇÃO AO CRIME

Por mais de 200 anos, a esquerda política tem apresentado razões pelas quais os criminosos não devem ser punidos tanto ou de maneira alguma. No Missouri, o mais recente estratagema é fornecer aos juízes os custos de encarceramento dos criminosos que sentenciam.

Segundo o *New York Times*, “uma sentença de três anos de prisão custaria mais de 37 mil dólares, enquanto a liberdade condicional custaria 6.770 dólares”. Para crimes mais graves, quando uma sentença de cinco anos de prisão custaria mais de 50 mil dólares, ela custaria menos de 9 mil dólares para o que é descrito como “cinco anos de liberdade condicional intensiva”.

Esta é apenas a mais recente de uma longa série de esquemas de “alternativas ao encarceramento” que estão constantemente sendo fomentadas por todo tipo de pessoas inteligentes, não só no Missouri, mas em todos os Estados Unidos e do outro lado do Atlântico, sobretudo na Grã-Bretanha.

A questão mais óbvia que está sendo decididamente ignorada nesses cálculos com aparência científica é a seguinte: qual é o custo de deixar criminosos soltos? Termos como “liberdade condicional intensiva” podem criar a ilusão de que os criminosos em liberdade estão de algum modo sob controle das autoridades, mas ilusões são especialmente perigosas no que diz respeito à criminalidade.

Outra questão que deveria ser óbvia é: por que estamos contabilizando apenas o custo para o governo de colocar um criminoso atrás das grades, e não o custo para a população de deixá-lo solto?

Alguns podem dizer que não é possível quantificar os custos dos perigos e das ansiedades da população quando mais criminosos estão nas ruas. Isso é realmente verdade, se considerarmos os custos totais. Porém, podemos quantificar os custos financeiros — e apenas os custos financeiros para a população excedem em muito os custos do governo de manter os criminosos encarcerados.

Na Grã-Bretanha, onde a moda das “alternativas ao encarceramento” levou a apenas 7% dos criminosos condenados a serem colocados atrás das grades, o custo anual do sistema prisional foi estimado em pouco menos de 2 bilhões de libras esterlinas. Enquanto isso, o custo financeiro anual apenas dos crimes cometidos contra os cidadãos foi estimado em 60 bilhões de libras esterlinas.

Nos Estados Unidos, o custo de encarcerar um criminoso foi estimado em 10 mil dólares a menos por ano do que o custo de deixá-lo solto.

Em todos esses cálculos, estamos deixando de fora os custos associados à violência, à intimidação e aos medos que as pessoas têm pela segurança de si mesmas e de seus filhos, sem falar na sensação de desamparo e indignação quando a sociedade se recusa a prestar tanta atenção às vítimas inocentes quanto dedica aos criminosos.

Esses são todos custos importantes. Porém, é desnecessário levá-los em conta, quando apenas os custos financeiros de deixar os criminosos soltos já são suficientes para mostrar que contrassenso temerário está sendo pregado para nós por elites arrogantes na mídia, na academia e em outros lugares.

A enganação da população por defensores da complacência com criminosos foi institucionalizada em práticas legais que criam a ilusão de que muito mais punição está sendo imposta do que realmente é o caso. As “sentenças simultâneas” são uma das fraudes mais flagrantes.

Se um criminoso é condenado por múltiplos crimes, fazê-lo cumprir suas sentenças por esses crimes “simultaneamente” significa que ele realmente não cumpre mais tempo por cinco crimes do que cumpriria pelo crime que tem a sentença mais longa. Em outras palavras, os outros quatro crimes são “por conta da casa”.

Em geral, as sentenças exageram o período de tempo que o criminoso realmente passará atrás das grades. Liberdade condicional, licenças, livramento condicional e redução da pena por bom comportamento lideram a lista de razões para soltar um criminoso antes que ele cumpra a sentença que foi anunciada ao público quando foi condenado.

Mesmo a “prisão perpétua sem possibilidade de livramento condicional” — muitas vezes oferecida como substituto para pena de morte por homicídio doloso — pode ser enganosa. Não existe prisão perpétua sem a possibilidade de um governador liberal ser eleito e, em seguida, comutar a pena ou perdoar o assassino posteriormente. E, é claro, o assassino pode voltar a cometer homicídio atrás das grades.

Com todas as coisas em que os liberais estão dispostos a gastar grandes somas de dinheiro, é um exagero vê-los serem econômicos quando se trata de manter criminosos fora das ruas.

JUSTIÇA PARA O PEQUENO ÂNGELO

Finalmente, o pequeno Ângelo obteve justiça, ainda que tenha morrido jovem demais para saber o significado de justiça. Angelo Marinda viveu apenas oito meses e foi necessário mais do que o dobro desse tempo para condenar seu pai por seu assassinato.

De forma trágica, as políticas e a mentalidade entre as autoridades responsáveis pelo bem-estar das crianças — as práticas e os conceitos que colocaram esse bebê em risco — ainda estão em vigor, e outras tragédias como essa estão prontas para acontecer. O pequeno Angelo chamou a atenção das autoridades apenas 12 dias após seu nascimento, quando ele foi levado a um hospital com ossos quebrados.

Como um bebê com menos de duas semanas poderia estar com ossos quebrados? E como lidar com essa situação?

Muitos de nós responderiam que o bebê deveria ser afastado de quem quebrou seus ossos e nunca mais ser deixado perto dessa pessoa. Porém, não é isso o que os “especialistas” dizem. Os especialistas sempre têm “soluções”. De que outra forma eles seriam especialistas?

A solução da moda recebeu o nome de “serviços de reunificação familiar”. A gravidade das lesões do pequeno Angelo teria tornado

legalmente possível simplesmente entregá-lo para adoção para um dos muitos casais que estão esperando adotar um bebê.

Mas não é assim que funciona. Mediante a magia dos “serviços de reunificação familiar”, os pais devem ser reeducados para que não sejam mais abusivos.

Há dois anos, um assistente social afirmou ao tribunal que a Agência de Serviços para Crianças e Famílias do condado de San Mateo “recomendará os serviços de reunificação, pois os pais estão receptivos para receber os serviços”. O fato de que a irmã do pequeno Angelo já havia tido que ser retirada da mesma casa não pareceu diminuir esse otimismo.

No cerne de tudo isso está a presunção de conhecimento que simplesmente não temos e talvez nunca tenhamos. Há todos os tipos de frases pomposas sobre ensinar “habilidades parentais”, “controle da raiva” ou outras esperanças piedosas. E vidas de crianças estão sendo postas em risco por essas ideias não fundamentadas.

Ao que tudo indica, o próprio pequeno Angelo tinha uma melhor compreensão disso. Após meses em um lar adotivo, ele teve permissão para visitar seus pais e “uma expressão de medo tomou conta dele” quando os viu.

Contudo, a “*expertise*” despreza o que os não especialistas acreditam, e o pequeno Angelo não era um especialista, pelo menos não aos olhos dos assistentes sociais que eram responsáveis por seu destino. O fato de que ele tinha voltado de uma visita anterior com hematomas não fez diferença para os especialistas.

Os assistentes sociais acharam que seria bom se o pequeno Angelo fizesse uma visita não supervisionada de dois dias a seus pais no Natal. E dessa visita ele não voltaria vivo.

Agora, mais de 16 meses após a morte do bebê, o pai de Angelo foi condenado por tê-lo sacudido até a morte.

A propósito, houve especialistas que testemunharam a favor do pai no julgamento, sendo que um deles deu um depoimento que

contradisse o que ele mesmo havia escrito em um livro. Esse especialista nunca tinha visto o pequeno Angelo, vivo ou morto.

Já passou da hora de pararmos de fazer de conta que sabemos coisas que ninguém sabe, nem mesmo pessoas com títulos impressionantes associados a seus nomes. Se esses especialistas são simplesmente mercenários cínicos ou realmente acreditam em suas próprias teorias e retóricas é irrelevante. Teorias sem fundamento não são base para arriscar a vida dos indefesos.

Como alguém pode quebrar os ossos de um recém-nascido é algo sobre o qual as pessoas podem especular. Mas dizer que sabe como converter pais assim em seres humanos decentes é temerário. E arriscar a vida de um bebê com base em tal especulação é algo criminoso.

É lamentável que apenas um homem tenha ido para a cadeia por esse crime. Deveria haver espaço na cela para os assistentes sociais e seus chefes que tornaram esse assassinato possível em face de evidências flagrantes sobre os perigos que uma criança conseguia enxergar, mesmo que os adultos responsáveis se recusassem a ver.

A presunção de conhecimento permite que juízes, assistentes sociais e outros “façam alguma coisa” ao enviar pessoas para “treinamento” em “habilidades parentais” e outros psicologismos baratos sem histórico comprovado de sucesso. E deixa que crianças como o pequeno Angelo sejam mortas.

ADORO ESSES ASSASSINOS!

A maioria de nós ficou chocada ao saber que Andrea Yates havia matado seus cinco filhos afogando-os, um por um, em uma banheira. Porém, isso pode ter acontecido porque não estamos entre os moralmente unguídos. Celebidades como Rosie O'Donnell e Katie Couric, apresentadora do programa *Today Show*, pelo visto enxergam as coisas de maneira diferente.

“Eu senti uma empatia impressionante por ela, pelo que deve ter sido para ela fazer aquilo”, Rosie O'Donnell afirmou. “Quando você está no limite, pode entender como é ir além.”

No *Today Show*, Katie Couric também pareceu achar que o grande problema era a psique de Andrea Yates. “Depois de você afogar seus cinco filhos, como a senhora se sente?”, Katie Couric indagou.

Então, o programa exibiu informações de para onde enviar doações para o fundo de defesa legal de Andrea Yates. Em Houston, o escritório local da National Organization for Women organizou algo chamado “Coalizão de Apoio a Andrea Yates”, planejando arrecadar dinheiro para sua defesa.

Aparentemente, isso se tornou uma suposta questão feminina, porque foi alegado que a senhora Yates sofria de depressão pós-parto,

e que isso, ou os medicamentos que ela tinha que tomar, a fez matar seus filhos. Porém, naturalmente, o motivo de realizarmos julgamentos é para descobrirmos quais alegações de ambas as partes se sustentam no tribunal.

O juiz impôs segredo de justiça aos advogados nesse caso, para evitar que a publicidade pré-julgamento influencie o júri. Porém, na realidade, isso significa que o público ouvirá apenas a versão da história de Andrea Yates antes do julgamento. É claro que nunca ouviremos a versão da história das crianças.

Infelizmente, a moda de se apressar em defender os assassinos não se limita a mulheres ou mesmo aos Estados Unidos. Só neste verão, dois adolescentes que assassinaram sadicamente uma criança de dois anos na Grã-Bretanha quando tinham dez anos foram libertados da prisão, e receberam novas identidades, para que não sofressem quaisquer consequências negativas por parte da população que não estivesse tão em sintonia com os atuais modismos não condenatórios.

O que outras pessoas talvez sofram com esses jovens assassinos no decurso de outro meio século ou mais de suas vidas parece não ter suscitado tanta preocupação. Os psiquiatras disseram que eles não representavam perigo para os outros — o mesmo que os psiquiatras disseram acerca de alguns adolescentes norte-americanos que posteriormente mataram colegas de escola em tiroteios indiscriminados.

Ao custo de cerca de 2 milhões de dólares para os pagadores de impostos britânicos, os jovens assassinos e suas famílias foram instalados em casas com três quartos. Eles até receberam dinheiro para gastar, com o qual um dos pais comprou um carro.

Antes mesmo de serem libertados da “prisão” — em instalações sem grades, com televisão e outras comodidades, incluindo aulas de caratê e dinheiro para gastar no Natal —, os jovens assassinos foram autorizados a sair sob licença supervisionada para assistir a eventos

esportivos e até visitar shopping centers. Foi em um shopping center que eles atraíram a criança e depois a torturaram até matá-la.

O presidente do júri que os condenou lembra ter visto as terríveis fotos do corpo da criança e, em seguida, captar o olhar de um dos jovens assassinos, que deu um sorriso de deboche no tribunal. No entanto, na Grã-Bretanha, como nos Estados Unidos, a linha politicamente correta é expressada por um defensor da “reforma penal”, que afirmou: “Se as crianças fazem algo errado, elas devem ser tratadas pelo sistema de acolhimento, e não pelo sistema de justiça criminal.”

Enquanto isso, a mídia liberal inglesa difamou a mãe da criança assassinada, que protestou contra a libertação precoce dos rapazes e a vida de luxo proporcionada a eles e suas famílias. A mídia “a comparou desfavoravelmente com mães mais indulgentes”, segundo o jornal *The Guardian*. Pelo visto, todas as mães deveriam ser tolerantes em relação aos sádicos jovens assassinos de seus bebês.

Na década de 1960, foi considerado excêntrico, pelo menos, quando Norman Mailer abraçou a causa de um assassino condenado e conseguiu sua libertação da prisão. Sem dúvida, isso foi considerado mais do que excêntrico por um homem que o ex-presidiário matou após ser libertado. Porém, atualmente, o que outrora era considerado excêntrico é o esperado em certos círculos da elite.

Os clamores de indignação do público só confirmam os ungidos em seu próprio senso presunçoso de serem especiais — mais nobres e sábios do que as pessoas comuns. Que preço a pagar para que algumas pessoas possam se sentir mais tolerantes do que você ou simplesmente confirmar dentro de sua pequena patota que são um de Nós, e não um Deles.

A LEI EM JULGAMENTO

A própria lei está em julgamento em um tribunal de Albany, onde quatro policiais da cidade de Nova York são acusados de assassinato na morte a tiros de Amadou Diallo, um imigrante africano. Para um número surpreendentemente grande de pessoas, o fato de os policiais serem brancos e o homem baleado ser negro é tudo o que elas precisam saber para tomar partido.

E tomar partido é a questão para elas, e não descobrir a verdade ou aplicar a justiça. Essa abordagem já foi muito testada em todo o Sul dos Estados Unidos durante a era Jim Crow. Foram necessárias décadas de luta e sacrifício — incluindo o sacrifício de vidas — para dismantelar esse sistema de “justiça” de dois pesos e duas medidas. Agora, voltou à moda novamente, com uma nova paleta de cores.

Os fatos trágicos envolvendo a morte de Diallo são bastante evidentes. Mesmo antes de a polícia chegar ao local, Amadou Diallo estava — por qualquer motivo — postado junto a uma porta à noite, olhando periodicamente para os dois lados da rua. Outro morador da área, ao voltar para casa do trabalho, surpreendeu-se, segundo ele, com o que lhe pareceu ser naquele momento um comportamento “suspeito”. Imediatamente, o promotor objetou o uso dessa palavra, e prontamente o juiz ordenou que fosse retirada do registro.

Quando uma viatura policial passou mais tarde, depois da meia-noite, os quatro policiais a bordo também consideraram suspeito o comportamento de Diallo. Quando a viatura parou e os policiais saíram, Diallo voltou correndo para o interior do prédio. Lá, em uma entrada mal iluminada, ele colocou a mão dentro do casaco e tirou um objeto negro, que apontou para os policiais. Um deles gritou: “Arma!” Por uma terrível coincidência, outro policial tropeçou ao colocar o pé na calçada e caiu para trás, como se tivesse sido baleado, e seus colegas policiais abriram fogo contra Diallo.

O motorista da viatura correu em direção ao policial caído e perguntou onde ele tinha sido atingido. Mas ele não tinha sido atingido. Ele só havia perdido o equilíbrio e tropeçado ao subir na calçada. Diallo também não possuía uma arma. Ele havia tirado sua carteira e a estendido na direção dos policiais. Foi uma tragédia de erros.

Entram em cena os oportunistas de questões raciais, a mídia politicamente correta e os políticos em ano eleitoral. Al Sharpton, que ficou famoso inicialmente ao fazer acusações descabidas contra policiais na farsa promovida pela adolescente afro-americana Tawana Brawley, entrou com tudo no caso, junto com uma multidão de apoiadores. Hillary Clinton taxou a história como “assassinato” — e sendo ela uma advogada, deveria ser mais prudente, sobretudo com um julgamento em andamento.

Mesmo na sala do tribunal, a atmosfera de intimidação continuou, sem controle do juiz, que considerou ofensivo quando uma testemunha disse que achou suspeitas as ações de Diallo.

As testemunhas que tinham algo a dizer que pudesse apoiar o testemunho dos policiais tiveram informações de identificação totalmente desnecessárias divulgadas e lidas nos registros. A testemunha que afirmou que suas suspeitas o fizeram prestar atenção a Diallo enquanto ele caminhava para casa após estacionar sua camionete teve não só seu endereço, mas também o número de seu apartamento identificado pelo promotor em audiência pública.

Supostamente, isso era para mostrar que ele morava nos fundos e não poderia ter visto o que aconteceu depois de chegar a sua casa. Porém, a testemunha nunca dissera ter visto algo de seu apartamento. O que essa declaração desnecessária fez foi alertar a testemunha no tribunal de que os cabeças quentes da vizinhança agora sabiam onde encontrá-la, bem como sua família. Foi um aviso direto a ela, uma advertência não só a essa como também a qualquer outra testemunha que pudesse dizer algo que apoiasse o que os policiais haviam dito.

Por que será que as testemunhas não se apresentam?, nós nos perguntamos.

Uma enfermeira que ouviu os tiros enquanto atendia um paciente do outro lado da rua foi questionada a respeito do nome de seu paciente, mesmo que ele não fosse uma testemunha e nunca tivesse alegado ter visto ou ouvido alguma coisa. Quando isso foi alvo de contestação, a ela então foi indagado se o paciente era homem ou mulher e qual a idade. Isso foi inconcebível na atmosfera de hostilidade e desrespeito à lei que foi incitada por causa desse tiroteio.

Como alguém que foi instrutor de tiro no Corpo de Fuzileiros Navais, não fiquei nem um pouco surpreso com a quantidade de disparos efetuados, ou pelo fato de que a maioria deles errou o alvo. Ninguém conta seus próprios tiros, muito menos os tiros dos outros, em uma situação de vida ou morte. Isso não é um jogo de fliperama, onde as luzes se acendem para dizer se você acertou o alvo. Você atira até parecer seguro parar.

Muitas luzes deveriam se acender acerca desse julgamento e a maneira pela qual tanto as testemunhas quanto a própria justiça estão sendo ameaçadas, dentro e fora da sala de tribunal.

CONHECIMENTO ABORTADO

Um certo professor que ensina estudantes que aspiram a se tornar fonoaudiólogos começa mostrando o desenvolvimento de diversos órgãos envolvidos na fala. Quando ele mostra a sua turma uma imagem de ultrassom do desenvolvimento do palato em um bebê não nascido, não é incomum que uma ou duas alunas tenham lágrimas nos olhos, ou digam ao professor que fizeram um aborto e se sentiram muito tocadas ao ver a aparência de um bebê não nascido.

Por muito tempo, fomos levados a crer que um aborto é a remoção de um material não formado, algo semelhante a uma operação de apêndice. A própria expressão “bebê não nascido” quase desapareceu da linguagem, sendo substituída pelo termo mais frio e limpinho “feto”.

Muitos defensores eloquentes que se declaram “pró-escolha” não querem que as mulheres tenham a escolha de saber exatamente o que estão escolhendo antes de fazer um aborto. Uma oposição feroz impediu a exibição de imagens de um aborto em andamento — mesmo em escolas ou faculdades que exibem filmes de adultos nus realizando vários atos sexuais. Fotografias de fetos abortados também foram proibidas.

O procedimento especialmente macabro conhecido como “aborto por nascimento parcial” nem sequer pode ser mencionado na maior parte da mídia, onde é chamado de “aborto tardio” — outro termo frio e que desloca o foco do que acontece para quando acontece.

O que ocorre em um aborto por nascimento parcial é que um bebê que se desenvolveu demais para morrer naturalmente ao ser removido do corpo da mãe é deliberadamente morto ao ter seu cérebro sugado. Quando isso é feito, o bebê não está completamente fora do corpo da mãe porque, se estivesse, o médico seria acusado de assassinato. Não há razão médica para esse procedimento, que foi condenado pela American Medical Association. Há apenas uma razão legal: impedir que o médico e a mãe sejam presos.

Tudo isso é tranquilamente camuflado na mídia ao chamar tais ações de “aborto tardio” e se recusar a descrever o que acontece. Tais padrões de evasões e ofuscações revelam que, na prática, “pró-escolha” costuma significar realmente pró-aborto. O conhecimento é a primeira coisa sendo abortada.

As questões filosóficas sobre quando a vida começa podem preocupar algumas pessoas em ambos os lados da controvérsia sobre o aborto. Porém, os fatos físicos brutos do que acontece em diversos tipos de aborto têm levado muitos outros indivíduos, incluindo médicos, a passarem de pró-aborto para antiaborto. Um médico que tinha realizado muitos abortos nunca mais fez outro depois de ver um vídeo de ultrassom das reações do bebê.

Com a maior parte dos procedimentos médicos, o “consentimento informado” é o lema. Porém, quando se trata de aborto, são feitos grandes esforços para evitar que a “escolha” se torne informada de maneira adequada.

Política e legalmente, a questão do aborto é complexa demais para uma solução fácil. Atravessamos um quarto de século de amarga controvérsia justamente porque a Suprema Corte optou por uma solução fácil em 1973 com a decisão do caso *Roe v. Wade*.

Antes disso, diversos estados tinham tomado iniciativas divergentes para enfrentar e conciliar preocupações importantes de ambos os lados referentes à questão do aborto. Porém, Harry Blackmun, juiz

da Suprema Corte, precipitou-se e tomou uma arriscada e perigosa decisão genérica, embasada na flagrante mentira de que isso estava de acordo com a Constituição.

Longe de resolver os problemas, o caso *Roe v. Wade* resultou em polarização e tensão crescente em todo o país, incluindo atentados a bomba e assassinatos. Corrompeu a mídia, a academia e outras fontes que deveriam informar, mas que, em vez disso, se tornaram órgãos partidários do politicamente correto.

Contudo, entre as maneiras pelas quais essa questão extremamente polêmica será resolvida por fim — e não há solução à vista hoje —, inclui-se certamente a honestidade. Clichês políticos como “o direito da mulher de fazer o que quiser com seu próprio corpo” não podem ser aplicados em situações em que um bebê é morto no exato momento em que deixa de ser parte do corpo de sua mãe.

Um dos poucos sinais de esperança para uma solução definitiva é que a maioria das pessoas de ambos os lados dessa controvérsia não está feliz com os abortos. As mulheres que choraram ao ver um bebê não nascido podem não estar politicamente comprometidas com nenhum dos lados dessa questão, mas seus sentimentos podem ser parte do que é necessário para conciliar os lados opostos.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



CAMPANHA



Há um grande número de pessoas vivendo com HIV e hepatites virais que não se trata.

Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.

FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM ABRIL DE 2025